

**BIOGRAFIA E HISTÓRIA: A NOÇÃO DE EXTRAORDINARIEDADE EM  
NARRATIVAS DE RAIMUNDO MAGALHÃES JUNIOR**

JOÃO MUNIZ JUNIOR\*

***Introdução***

O objetivo deste trabalho é analisar a narrativa biográfica e a escrita da história construída por Raimundo Magalhães Junior. Propomos fazer esse estudo a partir de três de suas biografias, *Deodoro a espada contra o Império* (1957); *A vida turbulenta de José do Patrocínio* (1969); e, *Rui: o homem e o mito* (1979); a fim de analisar como o biógrafo descreve/historiciza a transição Monarquia-República nessas obras.

Não temos a ambição de rastrear, aqui, o longínquo percurso traçado pela biografia desde a Antiguidade grega e romana, tendo em Plutarco um de seus mais antigos expositores, até chegar à sua prática contemporânea<sup>1</sup>.

Pretendemos nos debruçar sobre como o biógrafo narra o envolvimento de seus três personagens nos dias turbulentos às vésperas da proclamação da República à luz do referencial teórico-metodológico desenvolvido por Sérgio Vilas Boas em seu livro *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. De forma mais específica e sintética, pelo fato de dispormos de um reduzido espaço, vamos nos valer de apenas um dos conceitos desenvolvidos por Vilas Boas (2008), a saber, a noção de *extraordinariedade*.

***O biógrafo e três ilustres***

No ano de 1924 chega ao Rio de Janeiro um jovem de dezessete anos vindo do Ceará. Além da pouca bagagem, traz consigo a esperança de se encontrar com o pai. O encontro entre os dois Raimundos Magalhães nunca foi contado em detalhes pelo filho, o que sabemos

---

\* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Assis, sob a orientação do Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva. Agência financiadora da pesquisa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

<sup>1</sup> Sobre uma genealogia da biografia cf.: LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. ANDRADE, Mariza Guerra de. *Anel encarnado: biografia e história em Raimundo Magalhães Junior*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

se resume ao desejo deste em ser jornalista, como o pai, mas também de ir além, conquistar o seu espaço de escritor. Na cidade de Campos é acolhido pelo tio, deputado, empresário e dono de jornal, e se dedica inicialmente ao trabalho de jornalista na *Folha do Comércio*, de onde seria depois redator-chefe, ao mesmo tempo em que dá expediente numa farmácia para completar a renda, além disso, encontra energia para se aventurar, com sua escrita ágil e de consumo imediato, pelo mundo do teatro<sup>2</sup>.

Passados quase sete anos, em 1930, Raimundo Magalhães Junior instala-se no Rio de Janeiro. Foi diretor das revistas *Carioca*, *Vamos Ler* e *Revista da Semana*. Ocupou o cargo de secretário de *A Noite Ilustrada*, colunista da *Folha Carioca* e do *Diário de Notícias*, do qual também foi redator, escrevia também para *A Noite* e ainda em periódicos com forte vertente política de esquerda como *A Batalha* e *A Esquerda*, enquanto fazia matérias para a *Revista Ilustrada*.

Apesar da intensa atividade jornalística, não para de contribuir com sua pena para o teatro: entre 1933 e 1940 escreve doze peças que são imediatamente encenadas. Magalhães canaliza o sucesso obtido enquanto jornalista combativo e a fama alcançada com as peças de teatro para uma atuação política: exerce dois mandatos como vereador, o primeiro entre 1949 e 1953, e o segundo de 1954 e 1958. Além disso, foi eleito sete vezes para a Presidência da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a primeira delas para o período de 1948 a 1949.

No primeiro dia do mês de dezembro de 1981, Raimundo Magalhães Junior se dirigia para a redação do jornal *Manchete*, onde ainda trabalhava, quando foi atropelado após tentar atravessar a rua e não notar que o sinal para pedestres se encontrava fechado. Como ironia do destino, o motorista do carro era um médico, Dr. Antônio Salgado, que imediatamente o socorreu, levando-o ao Hospital. Todavia, após doze dias internado em estado de coma, Raimundo Magalhães Junior falecia no Rio de Janeiro. Mas não foi apenas no jornalismo e no teatro que ele se destacou, foi também um grande tradutor, poeta, contista, historiador e biógrafo.

Diversos órgãos de imprensa de todo o país noticiaram não apenas o atropelamento, mas também publicavam quase diariamente os boletins médicos, nada alentadores por sinal, sobre o estado de saúde do biógrafo. Um dia após o seu falecimento, o jornal *O Estado de S. Paulo* veiculou um texto com um título sugestivo: “Raimundo Magalhães Jr., o fim da

---

<sup>2</sup> Sobre Raimundo Magalhães Junior Cf. ANDRADE, Mariza Guerra de. *Anel encarnado*: biografia e história em Raimundo Magalhães Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. WERNECK, M. H. Homens de arquivo: o poder entre papéis e livros. In PETERLE, P. et al. *Escritura e Sociedade*: o intelectual em questão. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2006, p. 19-33. O site da ABL também fornece algumas informações biográficas sobre Magalhães: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=270&sid=317>.

biografia”. O texto destaca que Magalhães fora “um autor perfeitamente inscrito no seu tempo, sintonizado com as suas inquietações e interesses, representativo de toda uma época”<sup>3</sup>.

Ao longo de sua carreira ficou conhecido por seus pares como uma figura incansável em matéria de trabalho, entregue quase que sem medidas ao labor de escritor. Em entrevista ao ser indagado se o seu dia tinha 48 horas respondeu: “O dia dura 36 horas, quando sabemos esticá-lo por ambas as extremidades. Uma consiste em dormir tarde. Outra em acordar cedo”<sup>4</sup>. Nesta entrevista revela ainda, que sua rotina diária consiste em trabalhar na parte da manhã na redação do jornal e à tarde em pesquisar no Arquivo Nacional ou na Biblioteca Nacional, ir à livrarias; nas férias, visita a casa de campo em Petrópolis, mas o descanso vira trabalho, pois aproveita para pesquisar nos arquivos do Museu Imperial.

Um outro indicador desta disposição seria que ao pronunciar seu discurso<sup>5</sup> de recepção a Raimundo Magalhães Junior na Academia Brasileira de Letras, em 6 de novembro de 1956, Viriato Correia ressalta que aos 49 anos de idade Magalhães já contava com mais de 30 publicações de sucesso, sendo que seria exatamente esta produção, diga-se de passagem, não apenas vultosa, mas também de “qualidade”, “profundidade” e “composição meticulosa” a responsável pela candidatura e eleição naquela instituição.

A multiplicidade de Magalhães chamava a atenção, apesar de viver em uma época marcada pelos intelectuais prolíferos, sua atuação ocorria em vários campos do saber e da sociedade. Escrevia textos para o teatro com a mesma desenvoltura que publicava contos e biografias, que atuava como vereador pelo PSB, presidia a SBAT – Sociedade de Autores Teatrais, RJ, e ainda como membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Além disso, era constantemente convidado por instituições de ensino a fim de palestrar sobre os temas que pesquisava, notadamente no âmbito da história e cultura brasileiras.

Mas é no biografismo que Magalhães se destaca. Entre as várias histórias de vida que escreveu, podemos apontar: *Artur Azevedo e sua época* (1953); *Machado de Assis desconhecido* (1955); *Ideias e imagens de Machado de Assis* (1956); *Três panfletários do Segundo Reinado* (1956); *Deodoro a espada contra o Império* (1957); *Machado de Assis, funcionário público* (1958); *Ao redor de Machado de Assis* (1958); *Poesia e vida de Cruz e*

<sup>3</sup> Cf. “Raimundo Magalhães Jr., o fim da biografia”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13/12/1981, p. 48. Pasta de *clippings* de 1941 a 1982, Arquivo Raimundo Magalhães Junior, Arquivo Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Cf. “O dia de 36 horas”. José Carlos Oliveira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9/10/1974. Pasta 15-1-7, arquivo Raimundo Magalhães Junior, Arquivo dos Acadêmicos, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Cf. Discurso do Acadêmico Viriato Correia em recepção ao Acadêmico Raimundo Magalhães Júnior. Disponível em <<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=12682&sid=302>>>.

*Sousa* (1961); *Rui, o homem e o mito* (1964); *A vida turbulenta de José do Patrocínio* (1969); *Martins Pena e sua época* (1971); *José de Alencar e sua época* (1971); entre outras. Ao todo são dezoito biografias de personagens da história brasileira, indivíduos do campo das letras, da política, ou que transitavam em ambas as áreas, tornaram-se objetos de sua produção intelectual.

*Rui, o homem e o mito*<sup>6</sup>, de Raimundo Magalhães Junior foi publicado em dezembro de 1964, obra que provoca fortes reações, tanto a favor quanto contrárias, enquanto põe em questão a personalidade, a mitificação, a carreira política e a atuação diplomática de do jurista baiano. Recebeu esta biografia mais duas edições: uma em 1965 e outra em 1979.

*A Vida Turbulenta de José do Patrocínio* saiu do prelo para as livrarias em sua primeira edição em 1969<sup>7</sup>. O oposto do que ocorrera com *Rui, o homem e o mito*, a biografia sobre o abolicionista carioca não causa nenhuma polêmica na época de seu lançamento, pelo contrário, no geral, são numerosos os elogios e os prêmios que o cercam na narração do libelo da luta contra a escravidão no Brasil.

São dois os volumes da biografia sobre o Marechal Deodoro da Fonseca. O primeiro, lançado em 1957, intitulado *Deodoro, a espada contra o Império (vol. I. O aprendiz de feiticeiro)*, o segundo volume é publicado no mesmo ano e leva o título de *Deodoro, a espada contra o Império (vol. II. O galo na torre)*.

### ***A ideia de extraordinariedade em Sérgio Vilas Boas***

Em sua obra sobre o biografismo brasileiro praticado nos últimos anos, Sérgio Vilas Boas (2008) desenvolve uma profunda reflexão teórico-metodológica e filosófica a respeito dos limites e possibilidades da escrita biográfica contemporânea. O autor projeta uma análise sobre seis aspectos conceituais ligados ao biografismo: *Descendência*; *Fatalismo*; *Extraordinariedade*; *Verdade*; *Transparência*; e, finalmente, *Tempo*.

Neste trabalho vamos lançar mão do conceito de *extraordinariedade*, na forma como é proposta por Vilas Boas (2008) a fim de analisar como Raimundo Magalhães Junior traça o percurso de seus personagens durante os últimos dias do Império e os primeiros dias da República.

<sup>6</sup> Trata-se do volume de número 27 da coleção *Retratos do Brasil* lançada pela editora Civilização Brasileira.

<sup>7</sup> Trata-se do volume de número 3 da coleção *Hora e vez do Brasil* da editora Sabiá, sendo que a segunda edição, de 1971, ficou por conta editora LISA - Livros Irradiantes S.A. e faz parte da Coleção *Homens e épocas das letras e das artes brasileiras. Biografias de R. Magalhães Junior*, que conta com dez volumes de biografias; a que retrata Patrocínio é o volume de número 4 desta coleção.

Segundo Vilas-Boas *extraordinariedade* seria enxergar o biografado como “anormal, gênio ou Deus, como se o biógrafo estivesse nos dizendo o seguinte: ‘meu personagem tinha todas as qualidades para vencer, e vejam só: ele venceu, claro’” (VILAS-BOAS, 2008:121). O autor questiona a concepção segunda a qual o biografado é revestido com poderes sobre humanos e afirma que as realizações de uma vida não dependem apenas da pessoa em si, já que são inúmeros os fatores envolvidos na projeção de um personagem em seu campo de atuação: mentalidade e cultura regional e da época, condições socioeconômicas, grau de persistência, apoio de pessoas próximas, autoestima, entre outros.

Para fundamentar sua análise, Vilas Boas se apoia na ideia de herói proposta por Joseph Campbell (1999) segundo o qual, “um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida” (CAMPBELL, 1990:144). Para este, autor existiria dois tipos de herói: aquele que toma a iniciativa de realizar algo e aquele que é “empurrado” para a aventura. O primeiro tipo de herói se prepara de maneira responsável e intencional a fim de realizar a empreitada, sua escolha é consciente, calculada e refletida. O segundo tipo de herói é aquele que se vê envolvido na aventura, ele é lançado de repente na ação, não era sua intenção, mas ao entrar no meio do turbilhão da aventura procura dar conta do que dele se exige.

Vilas Boas persegue a ideia de que não é preciso ser superdotado para realizar uma proeza na qual se lança voluntária ou involuntariamente. Qualquer pessoa pode ser um herói, na verdade, para ele, todos somos heróis pelo simples fato de existirmos e lutarmos pela vida. Mas Campbell entende existem “heróis” e “heróis”, ou seja, apesar de todos terem capacidade de serem heróis, existiriam alguns que se destacariam já que “A coragem de enfrentar julgamentos e trazer todo um novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência interpretável, para serem experimentadas por outras pessoas é essa a façanha do herói” (CAMPBELL, 1990:43-44). Sendo assim, apesar de todos termos a possibilidade ou capacidade para sermos heróis, existiria uma “classe” de heróis, que não são melhores nem piores, mas que teriam a competência de mudar não apenas as circunstâncias de suas próprias vidas, mas também de outras pessoas.

Vilas Boas defende que “mesmo quando age pensando em algum benefício próprio, o herói real empurra e é empurrado para a frente por muitas pessoas, próximas ou distantes, pessoas de seu tempo ou de tempos vindouros” (VILAS BOAS, 2008: 145). O autor incentiva a busca por um olhar atento aos coadjuvantes da personagem em foco.

O protagonista pode ter sido envolvido na aventura sem o querer, ou, ainda que nela tenha mergulhado por vontade própria, mesmo que tenha se movido por ideias coletivos e que

tenha se sacrificado, não importa, é preciso estar atento aos que o rodearam, aos que foram seus parceiros de aventura, àqueles que de alguma forma contribuíram para com sua trajetória de herói (VILAS BOAS, 2008:152).

Vilas Boas assevera que “normalidade e extraordinariedade não é nem uma forma nem uma forma; não são concretas nem objetivas; não são virtudes nem defeitos *a priori*” (VILAS BOAS, 2008:152). Ele entende ser legítima a opção do biógrafo em apresentar seu personagem como um herói, desde que também revele suas múltiplas facetas, seus altos e baixos, erros e acertos. O autor se posiciona contrário a uma abordagem biográfica na qual o narrador conta a história da vida de alguém que parecia projetado para vencer e cada ação é vista como norteadada por um senso de heroísmo natural no biografado e não fruto de escolhas, acertadas ou não.

### ***Deodoro da Fonseca, Rui Barbosa e José do Patrocínio: Extraordinários?***

Nesta etapa final do texto pretendemos analisar como Raimundo Magalhães Junior narra as ações de seus três personagens às vésperas da proclamação da República, a partir do conceito de extraordinariedade proposto por Vilas Boas (2008).

Antes de avançarmos, vamos aos textos biográficos. Primeiramente, *Deodoro, a espada contra o Império* (vol. II): “militar cioso de sua *independência*, *orgulhoso* de sua condição e de sua carreira, *incapaz de ceder*, de *vergar* ou de *transigir*” (MAGALHÃES JUNIOR, 1957b:17).

*A psicologia de Deodoro era a de um autoritário e de um narcisista. O fundo de narcisismo, tão característico de sua personalidade, foi que o levou a assumir a posição que lhe era oferecida, contra tudo quanto outrora havia pregado. (...) Agora, esse movimento já não lhe parecia tão desdenhável e a ideia de uma república feita por ele próprio começava a seduzi-lo.*

*A um aceno seu, a torrente se despenharia, como uma catadupa, destruindo as instituições, atirando por terra o trono e a dinastia bragantina. Seria ele o denominador comum dos republicanos, militares e civis. (...) Não podia Deodoro, àquela altura da vida, arriscar-se a uma simples quartelada, a um pronunciamento destinado ao insucesso. (...) A glória que lhe admirá de tal façanha acabará, porém, por seduzi-lo. (MAGALHÃES JUNIOR, 1957b:29-30).*

*Outro que fosse o chefe da sublevação, incerto seria o desfecho e terríveis poderiam ser as consequências. (...) era preciso agir sem perda de tempo, aproveitar aquele emblema triunfal, aquele escudo mágico, aquela personalidade magnética e*

*irresistível. (...) Deodoro pertencia aos seus camaradas de farda e aos novos amigos civis que vinham buscá-lo a todo instante! (MAGALHÃES JUNIOR, 1957b:51).*

*Rui, o homem e o mito (1979):*

*Assumindo a direção do **Diário de Notícias**, Rui continuará a fomentar, por todos os meios e modos, a cisão entre as classes militares e o poder civil, isto é, a própria monarquia. (...) Não houve, até então, e talvez até hoje, trabalho tão persistente, tão minucioso, tão eficaz, no sentido de cavar um abismo entre os militares e o regime em vigor. É o grande momento da vida jornalística de Rui, sempre alerta na sua obra desagregadora, não deixando escapar as menores oportunidades para um comentário virulento ou para uma intriga insidiosa.*

*Um artigo, sob o título de “Plano contra a Pátria”, publicado naquele jornal a 9 de novembro, dá curso à versão de que o gabinete pretendia dissolver o Exército, substituindo-o pela Guarda Nacional. (...) Esse artigo malicioso impressiona fortemente os militares de tendência republicana, já em plena conspiração. (...) É o momento em que Rui é afinal admitido no movimento prestes a eclodir. E, assim, a 16 de novembro, o ex-deputado liberal do Império, há vários anos no ostracismo, emerge, subitamente, como prócer neorrepublicano, à frente do Ministério da Fazenda e, logo depois, como Vice Chefe do Governo Provisório, de que era sem dúvida, a figura de maior relevo intelectual. (MAGALHÃES JUNIOR, 1979:335-336).*

*Mas quando o Diário de Notícias publica o artigo “Plano contra a Pátria”, até o contemporizador Benjamim Constant se decide. E sobre as escadas da redação para dizer a Rui: “o seu artigo de hoje fez a República: ele me convenceu da necessidade imediata da revolução”. A pena de Rui, quase tanto quanto a espada de Deodoro, fora responsável pela queda do Império. (MAGALHÃES JUNIOR, 1979:126).*

Em *A vida turbulenta de José do Patrocínio*, o biógrafo trata da participação do seu personagem nos acontecimentos do dia 15 de novembro de 1889 em um capítulo intitulado “O proclamador civil da República”. Neste capítulo, Magalhães privilegia as palavras do próprio biografado em depoimento escrito em um artigo de jornal sobre sua participação nos eventos finais que marcaram a queda da Monarquia no Brasil. Vamos acompanhar alguns trechos deste depoimento:

*Acho mais regular* – observei eu – convidar o povo a acompanhar-nos à Câmara Municipal, para aí proclamar, solenemente, pacificamente, mas decisivamente, a República. *A minha opinião vingou.*

O povo estava ali para ouvir o Governo Provisório repetir com ele um viva à República Federal Brasileira. *E levantei por três vezes o viva, que foi entusiasticamente correspondido.*

Durante a noite de 15 de novembro *estive sempre no meio do povo, percorrendo as ruas para aclamar a República.* (MAGALHÃES JUNIOR, 1969:284-285).

Após transcrever estes trechos nos quais o próprio Patrocínio narra sua participação nos eventos do dia 15, o narrador afirma que no dia 16, por iniciativa de José do Patrocínio,

*aconteceu esta coisa inacreditável:* quatro ministros do Governo Provisório, um destes representando o seu chefe da revolução nacional triunfante e outro o colega da pasta dos Estrangeiros, iam se inclinar diante de uma simples Câmara Municipal, para fazer-lhe um promessa solene, com as características de juramento, e assinar a ata respectiva! (MAGALHÃES JUNIOR, 1969:287).

Nos trechos supracitados as frases assinaladas (grifos meus) podem ser consideradas hipérbolos dispensáveis a respeito da atuação de cada um destes atores no cenário histórico-social dos dias turbulentos que marcaram o advento da República em nosso país. Todavia, o narrador não fica apenas apontando constantemente como o personagem foi importante ou como sua atuação foi decisiva, à medida que destaca o papel desempenhado pelo protagonista, ele também procura reconstituir cenas que dão a possibilidade de interpretação por parte do próprio leitor.

Rui Barbosa, José do Patrocínio e Deodoro da Fonseca eram (também) pessoas “normais”, que tinham um cotidiano comum, por mais que suas habilidades possam ser consideradas incomuns. Os três viveram suas vidas com avanços e retrocessos, altos e baixos, ganhos e perdas. E é justamente isto o que o narrador procura retratar ao mesmo tempo em que narra as suas façanhas. Por exemplo, em relação a Rui, é narrado as suas seguidas frustrações por não ter conseguido se eleger para o cargo de presidente da República e também sua grande atuação na campanha na imprensa a favor dos militares e contra a Monarquia decadente. Quanto a Patrocínio, o narrador revela sua grande vitória enquanto líder abolicionista, mas também conta seu fracasso em levar adiante o projeto dos balões dirigíveis. Sobre Deodoro, apesar de enaltecer sua figura aglutinadora, sua capacidade de liderança, seu magnetismo pessoal, o narrador não deixa de retratar seu desterro no Mato

Grosso às vésperas da República nem o fato de ter sido preterido para receber a mercê de um título nobiliárquico.

Se nos valermos da noção de herói proposta por Campbell (1999), segundo a qual existiriam dois tipos de heróis, um que é empurrado para a aventura e outro que dela participa voluntariamente, podemos identificar em Deodoro o tipo que é levado pela força das circunstâncias e insistência de seus coadjuvantes a assumir o papel de líder da campanha pela derrubada da Monarquia e instauração do regime republicano. Ele não queria a queda da Monarquia, o narrador deixa claro que ele era amigo do imperador, era monarquista convicto, e o próprio Deodoro afirma em tom de pilhéria que ele era republicano do dia 15, em referência à sua tardia conversão à ideia da República no Brasil. Mas, devido às circunstâncias e ainda perante o chamado interior, que o narrador revela ser uma possível necessidade de provar algo a si mesmo ou de participar de uma glória superior, levaram Deodoro mergulhar de cabeça nos eventos que marcaram o fim do império.

Já Rui Barbosa e José do Patrocínio, se enquadram na categoria de herói que procura por si mesmo envolver-se na aventura. Rui é quem toma a iniciativa de publicar artigos ácidos contra o descaso do governo imperial em relação aos militares e a até mesmo contra o Exército e a Marinha; é ele quem se aproxima dos conspiradores aglutinados ao redor de Benjamin Constant e Deodoro da Fonseca nos dias que antecedem a passeata que acaba em proclamação da República. Já Patrocínio, é ele quem se dispõe a abrir a Câmara Municipal, da qual era vereador, e proclamar “civilmente” a República, bem como propor e conseguir aprovar a moção na qual os revoltosos militares e civis se comprometiam a sustentar o regime republicano bem como a ordem pública. Sendo assim, enquanto a Deodoro é praticamente imposto o papel que vai ocupar, já em relação a Rui e Patrocínio, suas ações são resultado de iniciativa própria.

### ***Considerações Finais***

Neste trabalho destacamos apenas exemplos pontuais, mas que servem para dar uma ideia de como nas três biografias o narrador conta não apenas as grandes conquistas, mas também os fracassos, indecisões, de seus personagens. O grande mérito de Magalhães é justamente humanizar seus biografados. É claro que em algumas passagens há deslizes por parte do narrador, principalmente em relação a Deodoro e Patrocínio, e acaba heroizando o personagem em foco, mas no geral o que ocorre é uma preocupação em reconstituir as ações

do protagonista de forma a revelar o quanto ele tinha de extraordinário ao mesmo tempo em que também era um ser humano “comum”.

A *extraordinariedade* dos protagonistas é constantemente contraposta com os seus erros e derrotas. O biógrafo, apesar de nutrir forte admiração em relação aos seus biografados, principalmente Patrocínio e Deodoro, não reconstituir cenas nas quais estes personagens aparecem enquanto homens normais, mas o foco é sim mostrar o quanto eram extraordinários na conduta que tiveram, nos tempos de crise que viveram e atuaram. O objetivo do narrador é retratar homens que apesar de terem também uma vida “normal” a grande diferença entre eles e muitos de seus contemporâneos foi a de serem heróis em suas conquistas, por se verem forçados a participar de uma aventura ou por livre e espontânea vontade se lançarem a ela.

### Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mariza Guerra de. *Anel encarnado: biografia e história em Raimundo Magalhães Junior*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como possibilidade de escrita da história. **Dimensões**, Uberlândia, v. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <../Downloads/2528-3948-1-PB.pdf>[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CCQQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.ufes.br%2Fdimensoes%2Farticle%2Fdownload%2F2528%2F2024&ei=OA2bU\\_WvD4nTsASqy4CgBw&usg=AFQjCNHeL2CeLH4uhMM9YvYJt54OyAwk1w&bvm=bv.68911936,d.cWc](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CCQQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.ufes.br%2Fdimensoes%2Farticle%2Fdownload%2F2528%2F2024&ei=OA2bU_WvD4nTsASqy4CgBw&usg=AFQjCNHeL2CeLH4uhMM9YvYJt54OyAwk1w&bvm=bv.68911936,d.cWc). Acesso em 13 de junho de 2014.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1999.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Deodoro, a espada contra o Império*. Vol. I. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957a.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Deodoro, a espada contra o Império*. Vol. II. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957b.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. – Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1969.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Rui: o homem e o mito*. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

VILAS BOAS, Sergio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

